

FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR COLABORATIVA (FIC): PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Igor Márcio do Nascimento Azevedo¹
Marília Maia Moreira²
Marcos Antonio Rocha de Lima³
Antonia Lis de Maria Martins Torres⁴

RESUMO

O presente artigo objetiva descrever a experiência com a Formação Interdisciplinar Colaborativa (FIC), ofertada aos estudantes universitários de diversas graduações da Universidade Federal do Ceará (UFC), durante o segundo semestre de 2023. O trabalho formativo, colaborativo e itinerante partiu de uma iniciativa de pesquisadores da Faculdade de Educação (FACED) que buscaram desenvolver temas como: a inclusão e competências digitais discentes em atividades acadêmicas, no contexto educacional universitário pós-pandemia. A problemática residia em saber a baixa inclusão digital de estudantes universitários quanto às competências digitais na vivência pessoal e acadêmica nas graduações da UFC. Tratou-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, descritiva, do tipo de estudo de caso único, com uso de questionário como instrumento de coleta de dados. O referencial teórico abordou temas como inclusão digital e competências digitais. O perfil da amostra foi composto por 14 discentes distribuídos entre homens e mulheres, na faixa etária entre 19 a 26 anos, todos nativos digitais. Os resultados parciais apontam que a formação contribuiu para aumentar o nível de confiança, responsabilidade social, educacional e pedagógica quanto ao uso das ferramentas digitais na prática pessoal e acadêmica. Conclui-se que essa proposta formativa constitui-se como uma das primeiras fases para a inclusão digital dos discentes em uma universidade pública e de grande porte como a UFC.

Palavras-chave: Formação Interdisciplinar Colaborativa. Inclusão Digital. Competências digitais.

INTRODUÇÃO

A Formação Interdisciplinar Colaborativa (FIC) tratou-se de uma proposta da união de três projetos de extensão, o Observatório de Políticas Públicas da Educação – Ensino Superior (OPPE), Formação Docente Digital (FDD), vinculado à FACED, e participantes da Bolsa de Iniciação Acadêmica (BIA) com vinculação institucional na Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE/UFC). Essa formação visava a construção de novos conceitos sobre políticas públicas, inclusão digital, usos pedagógicos das

¹ Pedagogo da rede municipal de Fortaleza e mestrando em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), igormarcioa@gmail.com;

² Mestra e doutoranda em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), maia.moreira@uece.br;

³ Professor de Educação Física da rede municipal de Fortaleza e mestrando em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), marcosrochahgcc@gmail.com;

⁴ Orientadora e Doutora em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), lisdemaria@ufc.br.

tecnologias virtuais e digitais e suas nuances, e principalmente, a troca de experiências entre os diversos alunos da graduação e pós-graduação, mergulhando nesse mundo digital que se expande cada vez mais.

A união desses três projetos objetivava fomentar tanto competências acadêmicas e digitais, como a elaboração de trabalhos para os Encontros Universitários da UFC do ano de 2023, quanto profissionais nos alunos, além disso, habilitar bolsistas para atuar nas escolas municipais da cidade de Fortaleza, como formadores de professores, dentro uma proposta para formação docente no mundo digital. Ressalta-se que essa é a fase 01 da pesquisa intitulada “Formação Docente Digital (FDD) e o uso do Chromebook: uma pesquisa-ação em uma escola pública do município de Fortaleza-CE”, a qual faz parte da pesquisa de mestrado de um professor (o primeiro autor deste trabalho) da rede municipal de ensino de Fortaleza-CE, conveniado ao Programa Observatório da Educação da Prefeitura Municipal de Fortaleza e a Universidade Federal do Ceará.

Durante os anos de 2020 e 2021, a tecnologia digital foi a principal aliada do professor e seus alunos que necessitavam dar continuidade às aulas de forma segura no contexto pandêmico. O uso da internet na formação escolar e universitária é exigência da cibercultura (LEVY, 2000), visto que “a educação do cidadão não pode estar alheia ao novo contexto sociotécnico” como defende Silva (2010, p.37).

METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado dentro de uma pesquisa quantitativa e do tipo de estudo de caso (GIL, 2002) com uso de questionário virtual como instrumento de coleta de dados. O questionário foi aplicado virtualmente, durante o período de 30 de junho a 07 de julho de 2023 utilizando o *Google Forms* (uma ferramenta digital de criação de formulários *online*). O perfil da amostra constitui-se de 14 indivíduos distribuídos entre homens e mulheres, na faixa etária entre 19 a 26 anos, são nativos digitais.

Para Ribeiro e Silva (2021), os nativos digitais são indivíduos que nasceram a partir do ano de 1995 e possuem afinidade com a tecnologia digital, ou mesmo, nasceram cercados por ela. Os discentes envolvidos que participaram do projeto de extensão FIC são de diferentes formações, desde Pedagogia, Engenharia Civil, Estatística, Arquitetura, Matemática, Ciências Sociais, Economia, dentre outros cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

As formações de cunho híbridas aconteceram em diversos espaços físicos da própria Universidade, a exemplo do Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais (NUPER) da Universidade Federal do Ceará (UFC), na sala de Cocriação que fica localizada na Biblioteca do Centro de Humanidades (BCH) na UFC e também na sala de Inovação que está situada na Academia do Professor Darcy Ribeiro, equipamento estruturado e mantido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza para a secretaria de educação do município. De forma virtual por meio da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) através da ferramenta de webconferência (Conferência Web) no período de junho a setembro de 2023.

REFERENCIAL TEÓRICO

A inclusão digital é um tema bastante discutido em nossa sociedade, visto que através dela construímos uma base mais sólida para sermos incluídos como sujeitos do mundo tecnológico em crescimento constante. O processo histórico de utilização e evolução da tecnologia digital é marcado pelo uso do computador, chegada da *internet* e utilização de diversas ferramentas digitais, havendo uma incorporação desses equipamentos e tecnologias em basicamente todos os segmentos da nossa sociedade.

Cabral Filho (2006) conceitua inclusão digital como uma ideia de alfabetização digital, gerando um processo de inclusão social, voltando o foco para aqueles que são excluídos socialmente, acrescentando a temática da tecnologia digital no sentido de somar esforços para atenuar essa diferença.

Por outro lado, Silva (2011) afirma que é inegável que a exclusão digital tem uma imensa correlação com outras formas de desigualdade social e destaca que as maiores taxas de exclusão se encontram nos setores de mais baixa renda possível, isso ocorre devido ao aumento das desigualdades sociais e o não acesso a tecnologias de “alto custo”, impedindo a inclusão digital dessas pessoas.

No corpo social capitalista em que vivemos algumas demandas tecnológicas são necessárias para convivermos e sermos inseridos como cidadãos, assim é importante termos ciência que a tecnologia digital exerce um papel de evolução dentro da sociedade e que a mesma poderá auxiliar de alguma maneira a nossa vida, pois estamos imersos nessa teia digital em que todos necessitam utilizar como garantia de acesso a direitos básicos que aos poucos vão adentrando o meio digital fazendo com que muitos sejam excluídos.

Corroborando com a ideia anterior, Silva (2011) afirma que o passo inicial para combater a exclusão digital é o acesso à tecnologia, pois infelizmente, essa questão atinge uma grande parte da população brasileira, tocante ao analfabetismo tecnológico que não difere muito do quadro de analfabetismo como um todo no país. Quando mencionamos a exclusão digital é necessário entender que o foco é o cidadão digital e tecnologicamente excluído ou infoexcluído, mas que é necessária sua inclusão digital na sociedade da informação, visto que existem políticas públicas que visam esse propósito.

Uma das soluções para inclusão digital seria a implementação de mais políticas públicas que visem à utilização de Tecnologias Digitais (TDs) dentro das instituições públicas brasileiras, pois, a entrada dessas tecnologias, aliada a um bom projeto político-pedagógico comprometido com as reais necessidades da população tecnológica, poderia ter contribuído para o encurtamento das distâncias entre os incluídos e os excluídos; entre os letrados e aqueles que ficaram à margem do mundo das letras. Evidente que a educação e a mídia representam, dessa maneira, um grande poder de opressão quanto à emancipação (SILVA, 2011).

Torres (2014) informa que nos dias atuais, é impossível negar a presença das tecnologias digitais dentro e fora da escola, ou seja, em ambientes familiares e ambientes externos, as tecnologias estão presentes no cotidiano dos indivíduos, desenvolvendo uma geração que lida com a “leitura em tela”, promovendo o conhecimento de outras culturas, linguagens e reproduzindo os mais diversos comportamentos. A autora complementa que ao mesmo passo em que se percebe essa presença tecnológica, famílias, instituições de ensino e docentes encontram-se num movimento mais demorado rumo a esse novo futuro.

Outro grande questionamento é em relação à forma que acontece essa “inclusão digital”, muitas vezes não dispondo nem do acesso à Internet. Corroborando com esse questionamento, Warschauer (2006) afirma:

[...] a posse (ou acesso) de um equipamento de informática faz parte do acesso à TD; no entanto, isso não constitui em si um acesso completo, o qual, nos tempos atuais, requer conexão à Internet, assim como habilidades e entendimento para utilizar o computador e a Internet de modo socialmente válido. (2006, p. 55)

Devemos nos atentar para a qualidade da inclusão digital fornecida e quais aspectos críticos e conceituais a mesma aborda, rompendo com perspectivas tecnicistas,

trazendo uma compreensão mais aprofundada e crítica dessas tecnologias em nossa sociedade.

Lévy (2000) aponta afirmações que complementam essa crítica feita por Warschauer:

[...] não basta estar diante de uma tela, munido de todas as interfaces amigáveis que se possa pensar, para superar uma situação de inferioridade. É preciso antes de mais nada estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço. (2000, p. 238).

O que fica bastante evidente é que a educação e a correta utilização das TD's influenciam diretamente na inclusão digital dos indivíduos, promovendo assim a garantia de certas políticas públicas que não foram efetivadas e sustentadas com sucesso durante certos governos.

É importante destacar que o processo de inclusão digital é um processo histórico, rodeado de lutas e conquistas, visando não só a inclusão digital, mas a inclusão do outro como um ser social sobrevivente em uma sociedade cada vez mais capitalista e selvagem digitalmente. Caso essas pessoas não sejam incluídas digitalmente e com qualidade, serão massacradas pela evolução da sociedade, visto que, a tecnologia e comunicação reinam no mundo da informação.

Salienta-se que, em razão da crise sanitária mundial da Covid-19 e suas variantes, experimentamos momentos em que o Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi utilizado como alternativa. Lembramos que o “ensino remoto emergencial (ERE) é uma mudança temporária da entrega de instruções para um modo de entrega alternativo devido a circunstâncias de crise” (HODGES, 2020).

Esse foi um momento bastante marcado por grandes obstáculos principalmente em relação à educação e tecnologia digital, visto que inúmeros estudantes não tiveram acesso por falta de uma política pública que levasse a sério as diferenças existentes em todo o nosso território brasileiro.

Outro conceito muito importante refere-se às competências digitais, visto que atualmente muitas habilidades são necessárias ao bom uso dessas tecnologias digitais principalmente em nosso meio acadêmico.

Silva (2018, p. 59-60) sustenta que:

A partir dos referenciais teóricos percebe-se que o conceito de competência digital foi se constituindo à medida que as TD provocaram transformação em todos os âmbitos da sociedade. Desde então, a complexidade tecnológica só

fez emergir cada vez mais diferentes necessidades, já que possuir as ferramentas digitais não garante que o sujeito seja digitalmente competente.

Colaborando com esse conceito, para Silva e Behar (2019) os elementos que integram as competências digitais são: conhecimentos, habilidades e atitudes, voltados para o uso das TDs e consideradas básicas para esta sociedade que se encontra em absoluta utilização das tecnologias e da produção de conhecimento. Além disso, as autoras compreendem que: o que se espera de um sujeito digitalmente competente é que este possa assimilar os meios tecnológicos o suficiente para saber utilizar as informações, ser crítico e ser capaz de se comunicar lidando com uma variedade de ferramentas.

Para Reis (2006) a Competência Digital se apresenta como habilidade de utilizar as tecnologias digitais como ferramentas de comunicação e redes para localizar, avaliar, usar e criar informação, ou seja, uma aplicabilidade da competência em informação dando ênfase às mídias digitais.

Dialogando com Espíndola (2015), a Competência Digital é também conduzida pelos professores, esses, por sua vez, são incubidos pelo desenvolvimentos dessas competências nos estudantes, adaptando o seu método de ensino às preferências de estilo de aprendizagem de seus alunos, e assim, tendo como consequência, maior rendimento e motivação acadêmica.

Para Godinho *et al* (2015), além dos estudantes serem competentes no uso de TIC, eles devem ser competentes em localizar, avaliar e fazer bom uso das informações descobertas a partir do uso dessas tecnologias. Destacando que no âmbito universitário elas podem ser usadas para fazer a comparação entre um grande número de dados (planilhas eletrônicas), descobrir fontes de informação confiáveis (bases de dados, catálogos de bibliotecas), dialogar (e-mail, chat), compartilhar informações (grupos, fóruns, blogs, redes sociais), organizar e recuperar (gestores de referências), comunicar (editores de apresentação) informações acadêmicas.

Essas competências digitais são essenciais para um bom desenvolvimento acadêmico, pois durante os seus estudos os discentes necessitam utilizar muitas dessas ferramentas e tecnologias digitais em seu dia a dia.

Demonstrando o que Godinho *et al* (2015) diz ao afirmar que:

Os estudantes necessitam utilizar as TIC para atender diferentes demandas acadêmicas, para a realização de seus trabalhos, de suas matrículas, consulta ao catálogo on-line da biblioteca, inscrições em cursos

e eventos, acessar plataformas de aprendizagens e localizar na web diferentes fontes de informação. Isso requer que eles possuam competência digital e também informacional, pois se faz necessário além de localizar as informações, saber avaliá-las e utilizá-las adequadamente.

Assim, fica evidente que o uso das tecnologias digitais, a inclusão digital e o desenvolvimento das competências digitais fazem parte do universo não só acadêmico, mas que ultrapassa os muros das instituições de ensino tornando o seu conhecimento tão importante em nossa sociedade e que faz-se necessário um aprofundamento sobre seus usos e funções de uma maneira mais justa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Logo de início pensamos em como construir uma formação colaborativa e prática, assim construímos um questionário com algumas questões pertinentes ao uso de tecnologias digitais no dia a dia da graduação de cada universitário. Com a realização do questionário virtual descobrimos que: todos os discentes utilizam dispositivos digitais em seu cotidiano, a grande maioria faz uso dos smartphones e notebooks, dentre os aplicativos mais utilizados destacam-se “whatsapp, instagram, YouTube e serviços de bancos”, a maioria dos estudantes não tinha uma formação para uso de tecnologias digitais, e que todos os discentes usavam as tecnologias digitais como suporte de estudo para as disciplinas da graduação pelos menos umas duas vezes na semana. Por meio dessas respostas traçamos uma formação que pudesse trazer um suporte em relação a conhecimentos básicos necessários aos discentes ao longo de sua graduação.

A FIC contou na sua totalidade com 14 temáticas envolvendo diversos aspectos importantes na formação de jovens universitários. Destacamos no Quadro 1 as oito temáticas iniciais.

TEMÁTICA	LOCAL
01 - Políticas Públicas: Conceitos e ciclos	NUPER /FACED - UFC
02 - Designer com Canva	Sala de Cocriação na BCH
03 - Chromebooks e Google Forms	Academia do Professor - Sala de Inovação
04 - Uso educativo do Instagram	Sala de Cocriação na BCH
05 - Como elaborar um Diário de Campo	RNP - Sala Online
06 - Bitmoji e uso de Padlet	Sala de Cocriação na BCH e RNP - Sala Online
07 - Políticas Públicas Sesu	RNP - Sala Online
08 - Produção Acadêmica - Google Acadêmico/ Biblioteca Google – Resumos Simples	RNP - Sala Online

Quadro 01 - Temáticas iniciais da FIC

As formações abordaram temáticas diversificadas, mesclando teoria e prática como políticas públicas, designer com utilização da plataforma *Canva*, o uso do *Chromebook* e de ferramentas digitais da *Google*. O intuito era além de trazer temas importantes para a prática do estudante universitário, promover o debate sobre a inserção de políticas públicas que garantisse o acesso à tecnologia por parte deles.

Para Souza (2006) a política pública é uma área do conhecimento que busca um paralelo entre a ação do governo e sugestão de mudanças na atitude/intenção de propiciar transformações no mundo. Percebeu-se que nessas temáticas (01 e 07) os estudantes ficaram atentos aos seus direitos e as formas indicadas de construção de uma política pública, destacando o passo a passo dessa iniciativa popular.

Já quando trouxemos na temática 02, o *Canva*, definido como uma ferramenta online e colaborativa para criação de designs. Acreditamos ser importante essa temática na criação de imagens, textos, apresentações durante o próprio caminhar acadêmico e familiar dos estudantes.

Em seguida, na temática 03, os estudantes conheceram os Chromebooks e puderam realizar algumas atividades usando suas funcionalidades, principalmente as ferramentas da *Google*, visto que o equipamento foi fornecido em uma parceria da empresa com a Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza-CE, promovendo a distribuição de diversos desses equipamentos aos docentes da rede pública municipal. O intuito era que a partir desse conhecimento prévio, alguns estudantes possam multiplicar seus conhecimentos numa escola pública municipal junto aos docentes da educação básica.

Na temática 04, trouxemos uma nova abordagem de trabalho com uso da rede social Instagram, buscando possibilitar troca de informações entre docentes e discentes de diversas Instituições de Ensino Superior, tendo seu alcance ampliado para produção, divulgação e compartilhamento de conhecimento científico. Na temática 05, explicamos para os estudantes o que devemos fazer e como escrever um diário de campo utilizando diversas formas (online, escrito, gravado).

Na formação de número 06, apresentamos as ferramentas digitais Bitmoji, que auxilia na criação de avatares personalizados e Padlet, uma plataforma de criação de murais interativos e colaborativos, facilitando o trabalho criativo e colaborativo. Outra temática, a de número 08, realizamos uma formação mais voltadas às ferramentas digitais que auxiliam os discentes em suas pesquisas acadêmicas e seus trabalhos

durante os estudos, com uso da *Google Acadêmico* e da criação de uma biblioteca virtual usando a *Google*, destacando a importância de fazer pesquisa e como conseguir isso elencando o passo a passo para uma boa escrita acadêmica.

Essas foram as oito primeiras temáticas da FIC que contribuíram muito para a construção de práticas e competências digitais que os alunos levarão para além do seu curso de graduação.

O Quadro 02 apresenta as seis temáticas restantes da FIC, as quais destacamos uma prática mais voltada à escrita acadêmica, formas de otimização de tempo e colaboração online com outros estudantes.

TEMÁTICA	LOCAL
09 - Ferramentas gratuitas da Google para uso acadêmico e produção acadêmica	RNP - Sala Online
10 - Edição e publicação de vídeos com o Capcut e YouTube	Sala de Cocriação na BCH
11 - Google Docs e Google Planilhas	Academia do Professor - Sala de Inovação
12 - Manutenção preventiva do Chromebook e Inclusão Digital	Academia do Professor - Sala de Inovação
13 - Planejamento didático e relações professor-aluno-saber	Sala de Cocriação na BCH
14 - Informes finais e Avaliação da FIC	RNP - Sala Online

Quadro 02 - Temática acadêmicas abordadas na formação FIC

Na formação 09 foram apresentadas algumas ferramentas da “*Google Workspace*”, dentre elas destacamos: *Google Drive*, *Google Agenda*, *Google Meet*, *Google Slides*, dentre outras. Todas essas ferramentas digitais da *Google* podem auxiliar os discentes na construção de conhecimentos de forma online e colaborativa, cujo objetivo maior era trazer funções básicas para que os mesmos pudessem utilizar em seu dia a dia.

Diante do uso fácil e intuitivo, na formação 10, apresentamos o *Capcut*, uma plataforma de criação e edição de vídeos e imagens, complementando com outra plataforma de vídeos online, o *YouTube*, bastante conhecido mundialmente, oferece a opção de consumo e produção de vídeos, algo muito utilizado durante a pandemia.

A temática 11 visava destacar as funções básicas do *Google Docs*, ferramenta digital de edição de texto e o *Google Planilhas*, ferramenta digital de edição de planilhas, com foco em relembrar comandos e tópicos interessantes para um bom uso. Já a temática 12, buscava revelar aos estudantes algumas ferramentas de manutenção prévia dos *Chromebooks*, fazendo com que o discente tivesse um conhecimento prévio para futuramente colocar em prática na escola escolhida durante a segunda parte da

pesquisa (FDD) e após dialogamos um pouco sobre o conceito da inclusão digital e sua real importância na nossa sociedade atual, onde a tecnologia é praticamente dominante.

Na formação 13 também foi necessário refletir sobre o fazer docente, de forma colaborativa. Assim apresentamos de maneira sucinta as formas de planejamentos e importância da relação professor-aluno-saber na construção de um cidadão preparado para lidar com as questões diárias dentro de nossa sociedade. Corroboramos com Therrien (2006), quando afirma que a educação estabelece um ato instrutivo e formador entre indivíduos, desenvolvida entre a autonomia do docente e a dialogicidade democrática em costumes de cidadania, sendo uma ação social. Freire (2001) caracteriza o “pensar certo” como a capacidade da ação reflexiva crítica, ultrapassando uma ação alheia à realidade do mundo/descontextualizada. E isso acontece quando o docente tem esse olhar para a própria realidade do educando.

E por fim, realizamos uma avaliação final da FIC, através de uma escuta dos estudantes participantes a fim de saber como se deu esse processo de formação com muita colaboração e intinerância. Nessa parte houveram gravações de vídeos que foram lançados dentro do Google Sala de Aula construído pelos formadores durante o processo da primeira parte desta pesquisa. São dados cheios de riquezas, onde escutamos alegrias e desafios presentes em qualquer formação continuada, visto que os discentes tinham outras responsabilidades durante o percurso, mas que mostrou-se ser bastante positiva no intuito de agregar conhecimento que os mesmos levarão além da Universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados iniciais apontam que uma formação interdisciplinar e colaborativa torna-se fundamental para conhecer novos espaços dentro e fora da universidade e trabalhar de uma forma partilhada através de uma metodologia de ensino mais vivencial. Além de que a formação contribuiu para aumentar o nível de confiança quanto ao uso das ferramentas digitais na prática pessoal e acadêmica.

Conclui-se que a formação interdisciplinar colaborativa é uma das primeiras fases para a adoção pedagógica de ferramentas digitais e recursos midiáticos para os futuros profissionais da educação. Dessa maneira, uma formação pautada no uso dessas tecnologias de maneira mais prática aliada à colaboração faz-se necessário. Essa

experiência é crucial e deverá ser replicada com os professores da rede pública de ensino de Fortaleza como forma de qualificação profissional.

REFERÊNCIAS

CABRAL FILHO, A. V. Sociedade e tecnologia digital: entre incluir ou ser incluída. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, set. 2006. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ESPINDOLA, Joice de. **Percepção docente sobre os indicadores de competência digital**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal do Pernambuco, Pernambuco, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GODINHO, Natalia Bermudez; GONÇALVES, Renata Braz; ALMEIDA, Alex Serrano de. Competências digitais e informacionais no ensino superior: um estudo com acadêmicos na Universidade Federal do Rio Grande - FURG. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 13, n. 2, p. 437–454, 2015. DOI: 10.20396/rdbci.v13i2.8635591. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8635591>. Acesso em: 19 set. 2024.

HODGES, Charles, Moore, S., Lockee, B., & Bond, A.. As diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência. **Revista da escola, professor, educação e tecnologia**, v. 2, 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**, São Paulo, Editora 34, 2000.

REIS, Mônica Karina Santos. **Information Literacy ou competência em informação como elemento promotor do desenvolvimento do capital intelectual**. 2006. Monografia (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

RIBEIRO, Dione Carlos; SILVA, Madalena Pereira da. Nativos e imigrantes digitais: um diálogo necessário para reencantar a educação. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 45, p. 343-357, 2021.

SOUZA, C. **Políticas públicas**: uma revisão da literatura Sociologias, p. 20-45, 2006.

SILVA, Marco. Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para docência em cursos online. **TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 03, 2010.

SILVA, Ângela Carrancho da. Educação e Tecnologia: entre o discurso e a prática. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 527-554, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n72/a05v19n72.pdf>> Acesso em: 08 de ago. de 2024.

SILVA, Ketia Kellen Araújo da. **Modelo de Competências Digitais em Educação a Distância: McompdigEAD Um Foco No Estudante**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação (PPGIE) do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (CINTED) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2018.

SILVA, K. K. A. da; BEHAR, P. A. Competências digitais na educação: uma discussão acerca do conceito. **Educação em Revista**, v. 35, 2019.

THERRIEN, J. Os saberes da racionalidade pedagógica na sociedade contemporânea. **Revista Educativa**, v. 9, n. 1, p. 67-81, 2006.

TORRES, Antonia Lis de Maria Martins. **Sobre tecnologias, educação, formação e etnografia: a experiência do Laboratório de Pesquisa Multimeios da Faculdade de Educação (UFC)**. 2014. 207f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2014.

WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e Inclusão Social: a exclusão digital em debate**. São Paulo: Editora Senac, 2006.